



# Um mito tornado ópera

“O Monstro no Labirinto” é, ele próprio, um espetáculo monstruoso. Junta 300 amadores em palco para contar como Teseu salvou do Minotauro os jovens atenienses. A encenadora Marie-Eve Signeyrole falou ao Expresso desta experiência

TEXTO LUCIANA LEIDERFARB

# H

á dois anos, o compositor britânico Jonathan Dove foi incumbido de uma tarefa imensa: escrever uma ópera comunitária para cantores e instrumentistas amadores e profissionais. Não era a primeira vez que o fazia. Em 1999, “Tobias and the Angel” teve características semelhantes, assim como “Life is a Dream”,

em 2012, criada para a Birmingham Opera Company. Agora tratava-se de uma encomenda proveniente nada menos do que da tríade formada pela Orquestra Sinfónica de Londres, a Fundação Filarmonia de Berlim e o Festival d'Aix-en-Provence. “O Monstro no Labirinto” veio a ser o seu nome — e hoje sabemos que, além do libreto a que se refere, da autoria de Alasdair Middleton, este nome evoca também a história da própria ópera. São 300 coralistas amadores envolvidos, de todas as idades e de oito coros amadores do país, que se juntam a três cantores profissionais e a um narrador para contar o mito grego do Minotauro, a viagem do

herói Teseu a Creta para resgatar do sacrifício as crianças atenienses. E tudo isto acontece com a moldura musical do Coro Gulbenkian, da Orquestra Gulbenkian e da Orquestra Estágio Gulbenkian, de dois pianistas, da equipa que concebeu os cenários e as luzes, que fez um touro em origami a evocar o monstro, e que coordena a presença em palco de um filme de animação e de uma câmara em direto. Os ensaios começaram em setembro do ano passado, organizados em vários períodos intensivos. “Para começar, escolhi fomentar a confiança. É a única opção possível. Parti da evidência de que, sendo 300, o número se tornou

uma ferramenta essencial para contar a história. Se desse a cada intérprete um acessório idêntico e trabalhasse sobre a noção de série, a encenação do projeto começaria a desenhar-se, criando com todos os corpos um único corpo”, revela ao Expresso a encenadora, Marie-Eve Signeyrole. Por se concentrar num mito, a ópera apresentava à partida a possibilidade da sua atualização e descodificação. “Ao descodificar o mito, temos a necessidade de traduzir a permanência daquilo que nos relata e da sua modernidade. Sobretudo porque será cantado por uma maioria de adolescentes. Um mito tem a vocação de expressar a permanência de uma ideia, e é pela



Imagens da apresentação da ópera no Festival de Aix-en-Provence, a 8 de julho de 2015

FOTOGRAFIAS VINCENT BEAUME

sua transposição para os acontecimentos atuais que os intérpretes conseguem apropriar-se da história e comunicá-la ao público.”

Diz o mito que Minos, rei de Creta, tem no seu palácio um labirinto onde vive o Minotauro, uma temível mistura de homem e de touro, que se alimenta de carne humana. Mas não de uma carne qualquer: para garantir a superioridade militar, Minos decretou que os jovens atenienses fossem regularmente oferecidos ao monstro em sacrifício. Há, porém, um homem a salvá-los. É Teseu, que num gesto sem precedentes mata o Minotauro, levando os jovens de regresso a Atenas. Na adaptação de Jonathan Dove nada

se diz sobre a ascendência do Minotauro — filho do impossível amor entre Pasífae, mulher de Minos, com um touro branco enviado ao marido pelos deuses. E omite-se a ajuda de Ariadne, filha de Minos, ao herói de Atenas.

Todos estes elementos podem ser trazidos ao presente. Quem são hoje estas crianças? Quem é o Minotauro? O que simboliza o labirinto? “O mito fala da desmesura dos homens e de todas as formas de ditadura, e do ciclo sem fim da humilhação que gera a violência. Da injustiça que representa o sacrifício da juventude inocente, obrigada a expiar os erros cometidos pelos outros afim de salvar o povo inteiro. Enfim, da atenção que aqueles que lutam contra os monstros devem ter para não se transformarem eles próprios em monstros”, explica Marie-Eve Signeyrole. Lembrando a versão de Aristóteles sobre a escravatura dos jovens cretenses, “imaginamos o labirinto como sendo uma situação irresolúvel e o monstro como um sistema económico e social alimentado pela exploração dos homens pelos homens”.

O monstro, diz Marie-Eve, “encarna uma ideia inventada por um povo para instrumentalizar outro”.

“Fomos buscar a inspiração ao relatório publicado pela Federação Internacional de Defesa dos Direitos Humanos, que critica a exploração de trabalhadores imigrantes no Qatar, nas obras para o Mundial de 2022. E no testemunho de um trabalhador nepalês que diz: ‘Há maneira de sair daqui? Nós damos em loucos’”, sublinha.

Só quem viva alheado é que não se sentirá parte do mito. A ópera comunitária é, justamente, “uma arte democrática no sentido em que deve ser acessível a todos”. Leia-se “a todos” literalmente: “O Monstro no Labirinto” foi criada para circular e já foi apresentada em Lille, Montpellier, Londres e Berlim envolvendo as comunidades locais na sua própria língua. É esta variação a origem de resultados diferentes? “Penso que a obra se repete inesgotavelmente com a mesma força e a mesma alegria. E isto acontece porque é uma experiência profundamente humana. Fizemos o projeto em diferentes teatros, de cada vez com 300 novos intérpretes. E pude constatar até que ponto as pessoas têm a necessidade de estar juntas. Este monstro tem o poder de emocionar o público, mas sobretudo de proporcionar uma

experiência coletiva única àqueles que nela participam”, termina a encenadora.

Nesta ópera, dirigida por Quentin Hindley — e com Sérgio Fontão na coordenação geral dos coros —, são solistas Cátia Moreso, Carlos Cardoso, Rui Baeta e Fernando Luís (narrador). A ‘massa coral’ é formada pelo Coro Regina Coeli, o Polyphonia Schola Cantorum, o Spatium Vocale, o Coro de Câmara da Academia de Amadores de Música, o Coro Juvenil Euterpe, o Juvenil da Academia de Música de Santa Cecília, o Infantojuvenil da Universidade de Lisboa e o Coro Musaico. É um verdadeiro monstro, sim. E arriscamos a dizer que, por este, vale a pena ser-se devorado. ●

lleiderfarb@expresso.impresa.pt

#### DOVE: O MONSTRO NO LABIRINTO

Moreso, Cardoso, Baeta, Luís, Orquestra Gulbenkian, Coro Gulbenkian, Orquestra Estágio Gulbenkian, oito coros amadores, Hindley (d), Sygneyrole (e), Teigné (c) Gulbenkian, Lisboa, de quarta a sexta, 20h